

## Crise e salvação da e na igreja

18/10/2012

Maria Clara Lucchetti Bingemer  
professora do Departamento de Teologia da PUC-Rio

Figura polêmica na Igreja por suas posições ousadas e provocativas, o teólogo católico suíço Hans Küng não deixa de ser uma das cabeças teológicas inteligentes dos dias de hoje. A teologia deve a ele algumas obras importantes de seu acervo de pensamento, muito concretamente no que diz respeito ao papel das religiões no mundo de hoje e às propostas para uma ética global. Antes disso, Hans Küng se ocupou com questões candentes de eclesiologia, tendo escrito inclusive um livro questionando a infalibilidade papal.

Chamado à ordem e advertido inúmeras vezes pelo Vaticano, Küng perdeu a "missio canônica", ou seja, a permissão eclesiástica para ensinar em qualquer faculdade de teologia católica. No entanto, continuou a publicar e permaneceu ligado à Universidade de Tübingen, Alemanha, até sua aposentadoria. Apesar da idade (mais de 80 anos), continua produtivo e dá conferências e entrevistas em várias partes do mundo.

É assim que caiu-nos nas mãos e sob os olhos uma entrevista recente, por ele concedida à revista *Le Point*, de 27 de setembro de 2012. Ali fala sobre seu último livro intitulado *A Igreja tem salvação?*, no qual critica severamente a Igreja Católica que teria, segundo ele, traído suas origens. Essas mostram uma comunidade democrática e não monárquica, governada por homens que não desejavam ser senhores mas servidores do povo de Deus. Segundo o teólogo, a Igreja hoje é centralizadora, absolutista e clerical, em nada parecida à comunidade primeva.

Após essa primeira afirmação, Küng critica outros pontos delicados da disciplina católica, como o lugar da mulher na comunidade eclesial, impedida de receber o sacramento da ordem e assumir funções de maior destaque; o celibato dos padres etc. Pela interpretação de Hans Küng, o fato de tais reformas ainda não terem se efetivado na Igreja se deve a uma traição ao Concílio Vaticano II levada a cabo pelos pontificados posteriores a Paulo VI.

Em 2005, Küng foi recebido pelo atual Papa – seu antigo colega de docência e amigo em Tübingen – para uma conversa de quatro horas, gesto que ele até hoje agradece. No entanto, se confessa decepcionado porque não se seguiu a essa conversa nenhuma mudança substancial na orientação do pontificado de Bento XVI em questões de fé e moral.

O mais belo dessa entrevista, dada por um homem brilhante e amargurado em muitos aspectos, porém, encontra-se em sua confissão de fé situada na parte final da mesma. Arguido pelo repórter sobre o porquê de permanecer católico, Hans Küng confessa desassombadamente sua fé: "Não sou católico por causa do papa, mas pelo Evangelho e o povo cristão...A Igreja Católica é minha pátria espiritual, na qual tive uma história às vezes difícil, mas apesar disso muito feliz. Há milhões de católicos que partilham de minhas convicções. "

Küng toca aí – talvez apesar de si mesmo – no coração do mistério da Igreja. Santa e pecadora, "casta meretriz" que o Cristo desposa a cada dia. A comunidade eclesial sempre estará atravessada de ambiguidades e contradições. E estas serão do tamanho e da proporção dos homens e mulheres que a compõem, seus membros e chefes, filhos amados do Pai, que faz nascer seu sol e cair sua chuva sobre todos e todas em toda ocasião.

A entrevista de Hans Küng não é carente de esperança e amor pela Igreja.

Se ele não amasse essa Igreja que chama ternamente de sua pátria espiritual, sofreria tanto pelos males que a afligem? Estaria tão angustiado pelo fato de ver seus efetivos decrescerem, seus templos se esvaziarem e tantas pessoas debandarem de suas fileiras?

Ao final, perguntado se Jesus, vindo ao mundo hoje, reconheceria seus

ensinamentos diante do atual Papa, Küng responde com alguma acidez, mas deixando entrever uma abertura afetuosa em relação ao atual Pontífice Bento XVI, seu antigo colega e amigo Joseph Ratzinger. Responde que Jesus não se reconheceria na riqueza das vestes e adereços papais, nem veria nisto algo adequado ao sucessor de seu apóstolo Pedro. Igualmente não se encontraria refletido no Cristo que o Papa descreve em seus livros. Porém, termina, "está persuadido que, se ele olhasse no interior do coração de Joseph Ratzinger, encontraria traços de seu ensinamento."

Enquanto o coração humano for fiel a Jesus de Nazaré, reconhecido e proclamado Cristo de Deus, a Igreja terá salvação. Ainda que entre todos os seres humanos espalhados pelo planeta existisse apenas o coração de Joseph Ratzinger...ou o de Hans Küng...batendo ao ritmo do coração amante de Jesus, Verbo Encarnado e salvador do mundo.